

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
IR AO CINEMA EM 1974  
8 e 11 de Abril de 2024

THE SUGARLAND EXPRESS / 1974  
(Asfalto Quente)

*Um filme de Steven Spielberg*

Realização: Steven Spielberg / Argumento: Hal Barwood e Matthew Robbins, baseado numa história original deles e de Spielberg / Direcção de Fotografia: Vilmos Zsigmond / Direcção Artística: Joe Alves / Música: John Williams / Som: John R. Carter e Robert L. Hoyt / Montagem: Edward M. Abrams e Verna Fields / Interpretação: Goldie Hawn (Lou-Jean Poplin), Ben Johnson (capitão Harlin Tanner), Michael Sacks (Maxwell Slide, o polícia), William Atherton (Clóvis Poplin), Gregory Walcott (Ernie Mashburn), Steve Kanaly (Jessup), Louise Latham (Sra. Looby), Harrison Zanuck (Baby Langston), A.L. Camp (Alvin Nocker), Jessie Lee Fulton (Sra. Nocker), Dean Smith (Russ Berry), Ted Grossman (Dietz), Bill Thurman (Hunter), etc..

Produção: Universal / Produtores: David Brown e Richard D. Zanuck / Cópia: dcp, colorido, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 110 minutos / Estreia em Portugal: Caleidoscópio, a 29 de Agosto de 1975.

\*\*\*

**The Sugarland Express** foi a primeira longa-metragem *para cinema* realizada por Spielberg. O famosíssimo **Duel**, de 1971, foi produzido como telefilme, mesmo que depois tenha encontrado vida nas salas. De certa maneira, há aqui qualquer coisa parecida com um “princípio” de Spielberg; e isto, como já veremos, em mais do que um sentido.

É claro que Spielberg já era uma pequena celebridade, uma “rising star” dentro do cinema americano e da nova geração de cineastas. **Duel** fizera por isso, outras experiências de Spielberg em televisão também – conta-se até que durante a rodagem de **Something Evil**, a veterana Joan Crawford (principal nome do elenco desse filme) fizera maravilhas pela promoção de Spielberg ao pronunciar, numa entrevista, que o jovem realizador viria a ser “the biggest of them all”.

Este não seria, no entanto, o filme da sua consagração. Mas esta não tardaria muito – e viria longo no ano seguinte, com **Jaws**, o filme depois do qual muita coisa ficaria diferente em Hollywood, e seguramente muito pouca coisa ficaria igual em Spielberg. **The Sugarland Express** é, por isso, um dos poucos momentos, por certo o último momento, em que podemos encontrar um Spielberg “low budget” e mais próximo de um modelo de autêntica série B. Série B essa que depois Spielberg *simulou* inúmeras vezes (e mesmo **Jaws** tem já um fôlego diferente).

Voltando a **Sugarland**, comece-se por dizer que o filme se baseia em factos acontecidos em 1969, quando um criminoso detido por delitos menores e a sua mulher se puseram em fuga com o objectivo de evitar que o filho de ambos fosse entregue para adopção. Tirando ou acrescentando muito ou pouco, foi essa linha narrativa que Spielberg e os seus co-argumentistas desenvolveram no argumento de **Sugarland Express**. Há uma ideia que corresponde quase a um “tour de force”, que é filmar a perseguição movida pelo enorme cortejo de viaturas policiais e outras (como as das estações de TV) – e visto o filme hoje, parece indesmentível que essa ideia prevalece em demasia sobre a história dos dois miúdos, cujas personagens são um pouco sufocadas pelo aparato que Spielberg ergue em volta deles. Spielberg sempre teve uma atracção pelo “brinquedo” – que tanto pode dar para o melhor como dar para o torto – e neste caso há várias alturas em que se pode falar mesmo de uma certa auto-indulgência no modo como o realizador procura o plano “espectacular” – por exemplo aquele, espectacular de facto, da carrinha de TV que se despista, em plano único que deve ter dado um trabalhão aos duplos; mas também, genericamente, muitos outros momentos com acidentes e “pile ups” das viaturas perseguidoras.

Mas se tivéssemos que escolher o plano mais significativo do filme, escolheríamos um no exacto oposto de tudo isto. O da primeira vez em que se vê o filho de Lou-Jean e Clóvis, um grande plano razoavelmente longo (pelo menos na “gramática” do filme). Uma das características recorrentes em Spielberg, às vezes em primeiro plano outras vezes em fundo, é a questão pai/filho, normalmente decidida pela ausência do pai. Impossível dissociar disto esta história de **Sugarland Express**, que se poderia resumir como a história do *desaparecimento* do pai (Clóvis morre no fim). Nesse sentido, “temático” por assim dizer, **Sugarland Express** parece um objecto spielberguiano essencial, na medida em que contém um elemento-chave de toda a obra futura, aqui exposto no seu momento *inicial*. E é sobretudo nesse sentido que nos parece ser pertinente referir que **Sugarland Express** é um filme do *princípio* de Spielberg.

Aliás, o lugar central dessa questão é reforçado pelos dois últimos planos do filme, planos de luto à beira da elegia, com o polícia testemunha do amor de Clóvis e Lou-Jean enquadrado contra o rio e contra a vegetação. Dois planos belíssimos (que acompanham a entrada do genérico final), os melhores de todo o filme. Seria errado confundi-los com um simples “dénouement”, porque é aqui que este filme irregular e disperso finalmente se *concentra*.

Luís Miguel Oliveira